



# PERCEPÇÃO DOS PACIENTES SURDOS E DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE FRENTE AO ATENDIMENTO NA ATENÇÃO BÁSICA: REVISÃO INTEGRATIVA

Perception of deaf patients and health professionals about care in  
primary care - Integrative review

Maria Glauciane Vieira de Souza<sup>a</sup>, Isabelle Cerqueira Sousa<sup>b</sup>, Clodomir  
Borges Moraes Júnior<sup>c</sup>, Helenira Lourenço de Sousa<sup>d</sup>, Carla Monique  
Lopes Mourão<sup>e</sup>

<sup>a</sup> Graduanda em Enfermagem (Unichristus). <sup>b</sup> Doutorado em Saúde Coletiva  
(Unifor). <sup>c</sup> Enfermeiro e Especialista em Dermatologia e Estética (EBSRH). <sup>d</sup>  
Médica (UFC). <sup>e</sup> Doutorado em Enfermagem (UFC).

## RESUMO

**Objetivo:** Avaliar as evidências disponíveis na literatura sobre a percepção dos pacientes surdos e dos profissionais de saúde frente ao atendimento prestado na atenção básica. **Materiais e Métodos:** Tratou-se de uma Revisão Integrativa da Literatura com coleta de dados no mês de outubro de 2022, nas bases de dados: Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (MEDLINE), Bases de Dados de Enfermagem (BDENF), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Contemplando artigos relacionados à questão da pesquisa tendo como foco quais as evidências disponíveis sobre a percepção de profissionais e usuários surdos frente ao atendimento nos serviços de saúde? **Resultados:** Após a análise das evidências encontradas, nove artigos foram incluídos na pesquisa; destes, observou-se que todos são de publicações no Brasil: um de Redenção (CE), dois do Rio de Janeiro (RJ), dois de Brasília (DF), um de São Paulo (SP), um de Ribeirão Preto (SP), um de Montes Claro (MG) e um de Salvador (BA). **Conclusão:** A partir da análise desta pesquisa, evidenciou-se que ainda existem muitas barreiras enfrentadas pela população surda como a falta de comunicação dos profissionais de saúde, a ausência de um intérprete que facilite a adesão do paciente às unidades de saúde e a negligência em relação à Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Palavras-chave: Surdez. Línguas de sinais. Assistência. Saúde.

## ABSTRACT

**Objective:** Evaluate the evidence available in the literature on the perception of deaf patients and health professionals about the care provided in primary care.

**Methodology:** This was an Integrative Literature Review, with data collection in October 2022, in the following databases: Online System for Medical Literature Search and Analysis (MEDLINE), Nursing Database (BDENF), Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences (LILACS). Contemplating articles related to the research question, what is the available evidence on the perception of deaf professionals and users, facing the care in health services?

**Results:** After the analysis of the evidence found, nine articles were included in the research, of these, it was observed that all are publications in Brazil being: One in Redenção-CE, two in Rio de Janeiro, two in Brasília-DF, one in São Paulo-SP, one in Ribeirão Preto-SP, one in Montes Claro-MG, and one in Salvador-BA. **Conclusion:** From the analysis of this research it became evident that there are still many barriers faced by the deaf population, such as lack of communication from health professionals, the lack of an interpreter to facilitate this adherence in health units, besides that their primary language which is the Brazilian sign language (Libras) is neglected.

Keywords: Deafness. Sign language. Assistance. Health

## INTRODUÇÃO

A audição é o sentido por meio do qual se percebem os sons. No caso dos surdos, a falta deste sentido que é muito importante interfere na sua relação, na comunicação e no convívio com a sociedade, pois muitos ouvintes não sabem se comunicar por meio da língua de sinais (Marquete; Costa; Teston; 2018). No Brasil, segundo o IBGE, no caso da deficiência auditiva, 2,3 milhões de brasileiros com dois anos ou mais de idade expressaram ter muita dificuldade em ouvir de forma alguma, o que integrava 1,1% da população brasileira no período, alcançado por homens e mulheres com 1,1%. Do total, 22,4% emitiram conhecer a Língua Brasileira de Sinais (Libras). A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) constatou que, pela primeira vez, os brasileiros, independentemente de serem pessoas com algum déficit sabem usar Libras, evidenciando assim, que 2,4% da população com cinco anos ou mais, 4,6 milhões, sabiam usar a língua (IBGE, 2019).

O surdo não tem alcançado uma comunicação efetiva durante o atendimento de saúde, em relação ao qual expressa sentimentos negativos. Isto ocorre porque eles pensam que os profissionais da saúde não têm interesse em compreendê-los e ajudá-los. Eles não se sentem devidamente acolhidos e expressam sentimento de rejeição. Mediante esta questão de falta de compreensão e comunicação, os mesmos necessitam de atendimento, porém, com as dificuldades que encontram, acabam não indo regularmente às unidades de saúde (Rezende; Guerra; Carvalho, 2021).

Portanto, há ocasionalmente algum obstáculo, principalmente na anamnese (momento no qual o paciente relata todas as suas queixas). Normalmente, o atendimento é facilitado pelos profissionais quando é usado leitura labial, linguagem escrita ou então o paciente vai acompanhado com algum transmissor, podendo ser algum parente ou conhecido. Muitas vezes, geram sentimentos e sensação de ineficácia, não sendo positivo para ambas as partes (Costa; Lisbôa, 2021).

Diante do tema exposto, nota-se que é importante que as instituições de prestação de serviços estejam estruturadas para abranger as pessoas surdas. À frente disto, está um exemplo: a obrigatoriedade e normatização da Libras como uma disciplina obrigatória e não optativa nos cursos da saúde. Pois, mesmo não sendo obrigatória, conta como um item fundamental para qualquer matriz curricular de qualquer curso de licenciatura, sendo “transversalidade” a palavra-chave para esta questão (Melo et al., 2021).

Deste modo, evidencia-se a necessidade de maior intervenção governamental para que seja colocada em prática a lei federal nº 10.436/02 que regulamenta o Decreto 5626/05 e determina a obrigatoriedade de organização dos serviços do SUS para atendimento da pessoa surda (Brasil, 2005). A lei também estabelece a Libras como sendo a segunda língua estabelecida para o Brasil, tornando assim ainda mais necessário que todos a dominem (Brasil, 2002). Mesmo sendo algo estipulado por lei, ainda existe um grande desinteresse da parte de muitos indivíduos em explorar a temática e fazer com que este fato se torne algo cotidiano (Nerys, et al. 2019).

Assim sendo, constata-se a necessidade de uma ressignificação perante esta realidade vivenciada pelos surdos. Desta forma, pretende-se promover inclusão e medidas essenciais para que o momento do encontro entre profissional e paciente se torne algo mais tranquilo para as duas partes (Barros; Freitas; Wetterich, 2020).

## **OBJETIVO**

Avaliar as evidências disponíveis na literatura sobre a percepção dos pacientes surdos e dos profissionais de saúde frente ao atendimento prestado na atenção básica.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

O estudo é uma revisão integrativa da literatura que teve como base a análise de estudos relevantes que dão assistência a um entendimento da área explorada, consentindo suceder das evidências de um determinado conteúdo, visto que destaca falha do entendimento que demanda ser sintetizado com a realização de novos estudos. Segundo Mendes, Silveira e Galvão (2008), são necessárias seis fases ou etapas diferentes para a formação de uma revisão integrativa, as quais estão dispostas a seguir:

**Seguindo a primeira fase**, a investigação partiu da questão norteadora: Quais as evidências disponíveis sobre a percepção de profissionais e usuários surdos frente ao atendimento nos serviços de saúde voltados à atenção básica?

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: Artigos originais, nacionais e internacionais, que estivessem disponíveis na íntegra dos últimos cinco anos (2018-2022) nos idiomas português, inglês e espanhol e publicado nas bases de dados: MEDLINE, BDNF, LILACS. Os critérios de exclusão foram: teses, mídias, estudos repetidos nas bases de dados e artigos que não fossem relacionados com o assunto.

A busca foi realizada nas seguintes bases de dados por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS): Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (MEDLINE), Bases de Dados de Enfermagem (BDNF), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

A pesquisa foi efetuada a partir do cruzamento com o marcador booleano “and” por meio dos descritores: Surdez, Línguas de sinais, Assistência, Saúde-DeCS, no qual foram inicialmente localizados cento e dezessete estudos.

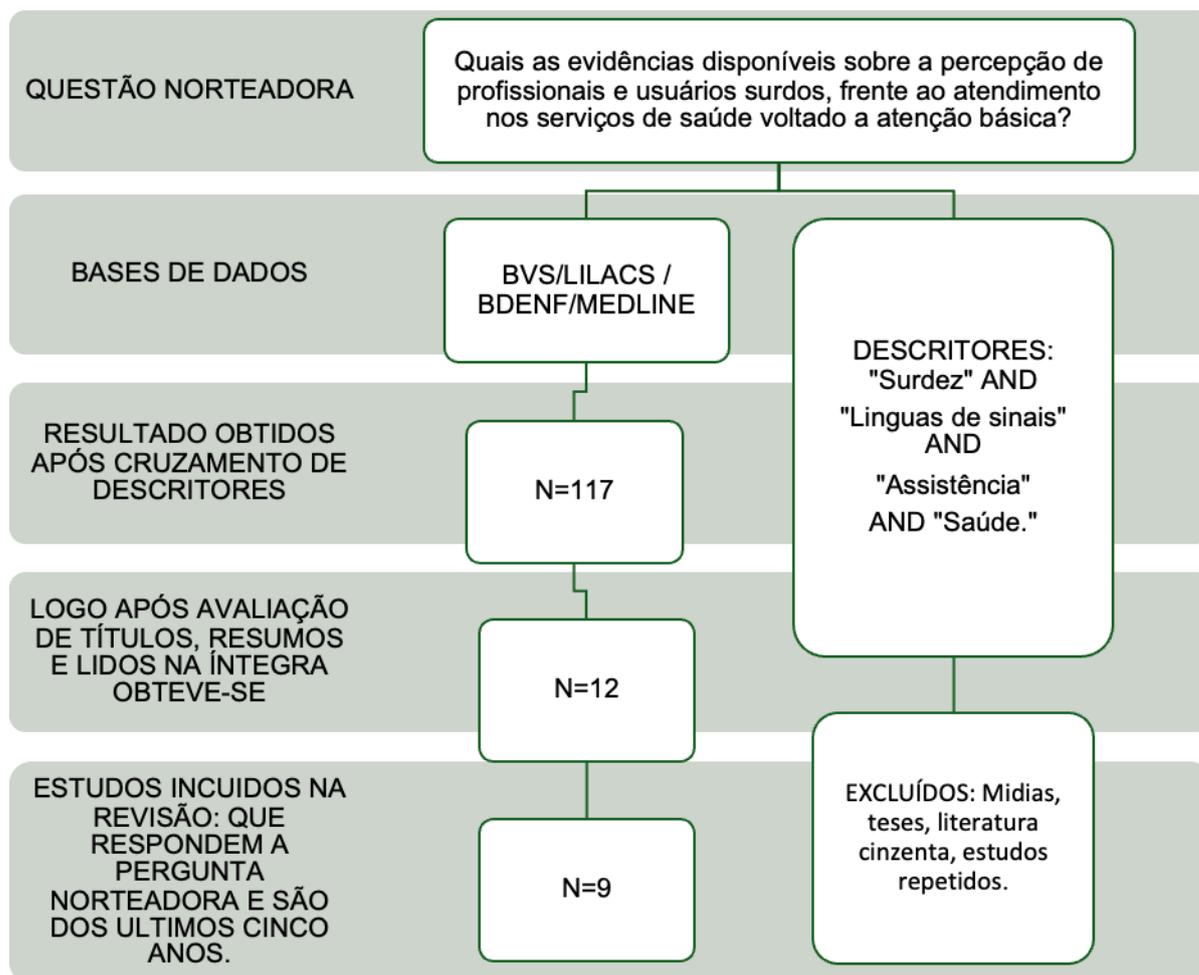
A busca e seleção dos artigos ocorreram durante o mês de outubro de 2022 e a amostra final desta pesquisa foi composta por nove artigos revisados e organizados em uma tabela feita pelo Microsoft Office Word, visto que o material foi sistematizado por título, autor, periódico, bases de dados, ano de publicação, nível de evidência e os principais achados.

Foi utilizado um instrumento com adaptação de URSI 2005, para retirada das informações dos textos selecionados que reúne e sintetiza as mesmas, a fim de assegurar uma análise mais ampla e efetiva dos materiais escolhido. Deste modo, os artigos foram selecionados de acordo com as palavras-chaves, aplicando o título, ano de publicação e fator de impacto.

Na etapa de avaliação, utilizou-se do método *Hierarchy Of Evidence For Intervention Studies* ou simplesmente HEIS que corresponde à categorização hierárquica das evidências científicas para avaliação das pesquisas, isto ocorre em sete níveis, os quais foram todos considerados pela pesquisa. Nesta fase, predomina um questionamento organizado para argumentar o rigor e as características de cada estudo (Souza, Silva; Carvalho, 2010). Na busca por resultados contundente e relevantes para a pergunta norteadora, os artigos foram lidos, fichados e estruturados no instrumento.

A revisão integrativa foi apresentada em forma de quadro com resumo dos principais tópicos que emergiram da leitura de cada artigo usado, apontando evidências de conhecimentos existentes sobre a pesquisa em questão (Mendes, Silveira; Galvão, 2008). Segue abaixo o fluxograma que aponta o processo de captação dos estudos para a produção deste estudo.

Figura 1 - Fluxograma da coleta e análise dos dados.



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

## RESULTADOS

Os resultados obtidos nas buscas resultaram no alcance de cento e dezessete artigos na base de dados Lilacs/Medline/ BDEFn. Depois da seleção que teve como critério: análise dos títulos, resumos e leitura na íntegra, os números foram reduzidos para doze achados, sendo quatro no MEDLINE e oito entre Lilacs/BDEFn. Portanto, por meio de uma leitura criteriosa dos artigos foram obtidos trabalhos que contribuíram de maneira considerável ao estudo, além de responder à pergunta norteadora e serem dos últimos cinco anos, se chegou ao um número final de nove artigos considerados.

Os nove artigos selecionados foram realizados todos no Brasil, um de Redenção (CE), dois do Rio de Janeiro (RJ), dois de Brasília (DF), um de São Paulo (SP), um de Ribeirão Preto (SP), um de Montes Claro (MG) e um de Salvador (BA).

Os estudos evidenciaram a falta de uma comunicação efetiva e despreparo dos profissionais de saúde no atendimento para com os surdos e a angústia vivenciada pelas pessoas surdas, sempre que precisam dos serviços de saúde. O Quadro 2 apresenta os dados de cada estudo e as variáveis investigadas.

**Quadro 2** - Distribuição dos artigos por títulos, autores, periódico, base de dados, ano, local de publicação, nível de evidência e principais achados.

<b>Nº</b>	<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Periódico / Base / Ano / Local / Nível de Evidência</b>	<b>Principais Achados</b>
<b>A1</b>	Assistência de enfermagem a uma paciente surda hospitalizada: relato reflexivo de uma experiência.	Nepomuceno, SR; Paiva, JDS; Lima, HDB; Bezerra, BH; Nogueira, VTF & Rouberte, ESC	Revista Enfermagem atual In Derma/ BDEFN/ 2022 / Redenção-CE /V.	As dificuldades existentes na comunicação entre profissionais da saúde e pacientes surdos vêm sendo reveladas e estudadas há anos. Dentre as barreiras de comunicação entre surdos e profissionais da saúde, tem-se as seguintes: dificuldade de compreensão no diálogo por uma das partes; não levantamento claro e objetivo de informações referentes à anamnese do paciente; dificuldade para explicar e realizar procedimentos; e desafios na interação com a equipe multiprofissional e administrativa (Nepomuceno, et al., 2022).
<b>A2</b>	Políticas de saúde e concepções de surdez e de deficiência auditiva no SUS: um monólogo?	Soleman, C &Bousquat, A.	Cadernos de Saúde Pública / MEDLINE / 2021/ Rio de Janeiro-RJ /IV.	Dentre as principais barreiras existentes na assistência à saúde oferecida ao surdo no Brasil, foram identificadas a barreira linguística, ou seja, a dificuldade na comunicação do profissional com o usuário, e a barreira profissional, caracterizada principalmente pela falta de profissionais capacitados na Libras ou do tradutor e intérprete da Libras nas unidades e saúde. o que pode implicar constrangimento e frustração. Atendimentos em Libras nos serviços de saúde são escassos, o que aumenta a vulnerabilidade dos surdos. Essas barreiras de acesso à rede de atenção à saúde encontradas pelas pessoas surdas não condizem com o que é preconizado como direito aos cidadãos e provocam iniquidades desde as ações de educação em saúde até a assistência (Soleman, &Bousquat, 2021).

Percepção dos pacientes surdos e dos profissionais de saúde frente ao atendimento na atenção básica: revisão integrativa

<b>A3</b>	Potências e limites no cotidiano da formação acadêmica no cuidado à saúde da pessoa surda.	Bernardo, LA; Tholl, AD; Nitschke, RG; Viegas, SMF, et al.	Revista de enfermagem. Esc. Anna Nery / LILACS e BDEFN / 2021/ Rio de Janeiro-RJ / VI.	Devido às pessoas surdas encontrarem diariamente barreiras para se comunicar, o que as leva à exclusão social, essas pessoas trabalham para fazer acontecer a própria inclusão, a auto inclusão, esforçam-se para aprender e compreender, buscando interagir com os ouvintes. Os profissionais de saúde, ao não se comunicarem por meio da Libras, buscam outras possibilidades, potências para se comunicar com os usuários com surdez como, por exemplo, a escrita, os gestos ou a leitura labial (Bernardo, et al., 2021).
<b>A4</b>	Meu Sonho É Ser Compreendido Uma Análise da Interação Médico-Paciente Surdo durante Assistência à Saúde.	Pereira, AAC; Passarin, NP; Nishida, FS & Garcez, VF.	Revista Brasileira de educação médica/LILACS /2020/Brasília-DF/VI.	Outras dificuldades foram descritas pelos surdos, como ter segurança no plano terapêutico proposto pelo profissional. Do total de surdos entrevistados, 55,5% (45) afirmaram deixaram de ir ao médico por medo de não serem compreendidos ou relataram algum problema, como dor, desconforto ou angústia. Ainda, 72,8% (59) referiram o costume de levar acompanhantes à consulta médica. É mais difícil criar uma relação médico-paciente devido essa barreira linguística. A comunicação acontece com maior frequência com o acompanhante e há obstáculos para passar e receber informações do paciente. Há uma certa insegurança se foi passado exatamente o que queria se dizer (Pereira, et al., 2020).
<b>A5</b>	Fragilidade na formação dos profissionais de saúde quanto à Língua Brasileira de Sinais: reflexo na atenção à saúde dos surdos.	Nascimento, TM; Melo, DG; Evangelista, DN; Silva, TV; Afoonso, MG; Cabello, J, et al.	Audiology - Communication Research/ LILACS/2020/ São Paulo-SP/V.	Os profissionais de saúde, ao não se comunicarem por meio da Libras, buscam outras possibilidades, potências para se comunicar com os usuários com surdez como, por exemplo, a escrita, os gestos ou a leitura labial. Na maioria das vezes, o indivíduo surdo, quando procura o serviço de saúde, leva um acompanhante, geralmente um familiar ou amigo, que atua como intérprete durante o atendimento e, eventualmente, pode assumir o protagonismo da situação e decidir sobre certas condutas de saúde, no lugar do próprio surdo. Além disso, há assuntos íntimos que os surdos não se sentem confortáveis em tratar na presença do acompanhante e que poderiam ser diretamente relatados aos profissionais de saúde se a comunicação fosse efetiva. Visto também a percepção de preconceito por parte da equipe de saúde e de outros usuários. Isso evidencia que o distanciamento entre profissionais e pessoas surdas pode afetar diretamente o estado de saúde destes indivíduos, impactando a prevenção de agravos e a promoção de saúde (Nascimento, et al., 2020).

Percepção dos pacientes surdos e dos profissionais de saúde frente ao atendimento na atenção básica: revisão integrativa

<b>A6</b>	Percepções de sujeitos surdos sobre a comunicação na Atenção Básica à Saúde.	Santos, AS & Pontes, AJF.	Revista Latino-Americana de Enfermagem/ MEDLINE/2019/ Ribeirão Preto – SP/VI.	A maioria dos participantes declarou que as estratégias de comunicação utilizadas durante os atendimentos não permitem a compreensão de seu diagnóstico (82%) e de seu tratamento (70%). Entre os fatores que dificultam tal compreensão, estão a ausência da Libras e a utilização da comunicação escrita. A língua portuguesa escrita é muito empregada por profissionais de saúde para se comunicar com os indivíduos surdos. No entanto, ela é a segunda língua dos surdos, que frequentemente têm dificuldades para entendê-la plenamente. O uso do português escrito pode constranger o indivíduo surdo e foi descrita como a estratégia que mais dificulta a troca de informações no atendimento (Santos; Ponte, 2020).
<b>A7</b>	Enfermagem e os cuidados com pacientes surdos no âmbito hospitalar.	Cunha RPS, Pereira MC &Oliveira MLC.	Revista Revisa/ LILACS/2019/ Brasília-DF/V.	Constatou-se que os profissionais de enfermagem sabem da importância do processo de comunicação e que está ligada às boas condutas de assistência à saúde, embora tenham dificuldade em manter uma comunicação suficiente com as pessoas surdas, devido pouco conhecimento da Libras. Em vista dos argumentos apresentados, profissionais da enfermagem muitas vezes procuram por meios próprios cursos de Libras, ressaltando ser imprescindível o conhecimento da língua, para promover uma atenção direcionada ao paciente portador de surdez, pois por mais que se torne possível uma assistência mediada pelo profissional intérprete ou até mesmo familiar, a presença de uma terceira pessoa desvia as orientações, impossibilitando assim uma conduta direta ao paciente surdo, sem contar que o paciente possui individualidades que em alguns casos e situações, se sentem constrangidos em compartilhar com a pessoa que está traduzindo a consulta de enfermagem (Cunha, Perreira, Oliveira, 2019).
<b>A8</b>	Acolher e escutar o silêncio: o cuidado de enfermagem sob a ótica da mulher surda durante a gestação, parto e puerpério.	Costa, AA; Vogt SE; Ruas EFG, et al.	Revista fundamental core online/ LILACS, BDEFN/2018/ Montes Claros/MG/VI	O nº de surdas que declarou ser mãe solteira leva a refletir sobre a ineficiência das estratégias de planejamento familiar. A Política de Planejamento Familiar existe para todas as mulheres, mas as surdas não buscam os serviços por desconhecê-los ou, quando buscam, não são plenamente atendidas por dificuldades relacionadas à comunicação. O (SUS) precisa proporcionar acessibilidade de comunicação para surdos em qualquer unidade de atendimento, pois é necessário que os entes federativos cumpram as normas de acessibilidade nos serviços de saúde e que os profissionais se conscientizem das medidas que devem ser tomadas para oferecer uma melhor assistência (Costa, et al., 2018).

<b>A9</b>	Como eu falo com você? a comunicação do enfermeiro com o usuário surdo	Soares, IP; Lima, EMM; Dos Santos, ACM & Ferreira, CB.	Revista Baiana de Enfermagem/ LILACS, BDENF/2018/ Salvador- BA/VI.	Os enfermeiros reconheceram a necessidade de se comunicar com mais qualidade com usuários surdos e entenderam que a interação entre profissional e usuário era fundamental para garantir sucesso na assistência à saúde. Há uma parcela da população com surdez que precisa ter os seus direitos de saúde assegurados, assim como qualquer outro usuário. Por isso, os profissionais dessa área precisam estar aptos a acolher seus usuários. Contudo, para conseguirem prestar uma atenção de qualidade, precisam entender que a efetividade da comunicação é uma prioridade (Soares, et al.,2018).
-----------	--	--	--	--

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

## DISCUSSÃO

É notório que os profissionais de saúde sabem do grande problema gerado pela falta de comunicação não efetiva para com os pacientes surdos no atendimento à saúde. Muitos se sentem envergonhados de não saberem ao certo o que falar, de como se expressar e se estão passando o diagnóstico adequado. Mas o grande empecilho segundo eles é a falta de capacitação e a carência de recursos (Soares et al., 2018).

De acordo com o artigo a7, a precária situação é evidente e muitos profissionais sabem da demanda e buscam se adequar à população surda por meios pessoais para amenizar a situação”. Este pensamento não é de todos. Alguns profissionais sentem a necessidade da presença de um intérprete ou familiar, porém o paciente surdo tem suas particularidades que, em certos momentos, acabam se tornando algo desconfortável, pois se faz necessário dividir certas informações que só cabem a ele e ao profissional da saúde (Cunha, Pereira; Oliveira, 2019).

Ao longo da pesquisa, nos artigos a1 e a2, observou-se uma vulnerabilidade na formação dos profissionais do país. Em virtude de um bom resultado na terapêutica ou nos cuidados prestados ao paciente, é necessário que haja um bom entendimento da clínica do mesmo e, não obtendo as informações precisas, certamente pode não ter uma adesão satisfatória ao tratamento estipulado. Faz-se necessário então que os profissionais disponham de aptidão com a Libras ou que haja um tradutor ou intérprete nas unidades de saúde, minimizando assim este impasse de comunicabilidade. É necessário também que tenha incentivo e repasse de instruções inerentes para que os familiares introduzam Libras desde o nascimento de seus filhos, explicando a sua importância para uma melhor comunicação. (Nepomuceno et al., 2022; Soleman; Bousquat, 2021).

Os artigos a5 e a3 abordaram o contexto das profissionais que procuram usar algumas maneiras para facilitar a interação entre pacientes e profissionais da saúde, por meio da linguagem escrita, gestos ou expressões e pela leitura orofacial (Nascimento et al., 2020).

Devido à falta de comunicação adequada e ao despreparo de muitos profissionais, os surdos acabam se auto-excluindo ou tentando se adequar da forma como podem, esforçando-se para terem uma melhor interação com os ouvintes (Bernardo et al., 2021).

Um ponto relevante a ser destacado no artigo a4 é que os surdos afirmaram que muitas vezes não buscam as unidades de saúde por medo de não serem compreendidos e de não saberem se os profissionais estão entendendo suas queixas e demandas. Outro problema identificado foi o fato de que se o paciente surdo, ao levar um acompanhante, perde a privacidade entre paciente e profissional, o que acaba por não gerar um vínculo entre eles e um conseqüente constrangimento (Pereira et al., 2020).

O artigo a5 afirmou que os surdos passam por situações complexas por parte de muitos profissionais que compõe a equipe de saúde e até mesmo por outros usuários ouvintes. Isto evidencia o distanciamento dessa pessoa e aponta a repercussão que é causada pela falta de comunicação. Por isto é de grande importância estabelecer a lei que rege os direitos desta categoria para que se tenha acomodações mais pertinentes no SUS. Essa lei estabelece as políticas de saúde que convém em adequar-se para que essa população obtenha um atendimento de qualidade (Nascimento et al., 2020).

O que se observa bastante no artigo a6 é que os surdos sempre deixam bem claro a insatisfação do atendimento. Relatam que muitos profissionais não compreendem o seu diagnóstico de forma correta e conseqüentemente o tratamento se torna algo duvidoso. O que deixa ainda mais constrangedor é que muitos surdos não possuem a língua portuguesa como segunda opção de ensino, muitos não têm até mesmo a destreza em usar Libras. E para facilitar a comunicação, alguns profissionais usam de estratégia como a escrita, gerando situações indesejadas para o sujeito surdo que, por sua vez, só tem a linguagem caseira para se comunicar (Santos; Ponte, 2020).

Portanto, as políticas de saúde para os surdos não têm uma adesão satisfatória, levando assim a uma grande preocupação, pois muitos usuários não têm o conhecimento destas políticas e quando as procuram, como de praxe, não são atendidos devidamente. Portanto, é necessário que o Sistema Único de Saúde estabeleça um acesso adequado para todos os âmbitos das unidades de saúde e conseqüentemente profissionais devidamente qualificados e aptos para receber qualquer demanda proveniente da assistência aos usuários surdos (Costa et al., 2018).

Também foi mostrado nos artigos a7 e a9 que a Libras não deve ser vista somente pelos profissionais de saúde. Mas também pela educação de forma geral, pois é daí que se começa o incentivo à introdução da língua na realidade das pessoas ouvintes. Sendo assim, a Libras deve fazer parte do cotidiano das pessoas, não sendo imprescindível só para os profissionais que trabalham com a saúde, mas para a população como um todo (Cunha; Pereira; Oliveira, 2019; Soares et al., 2018).

## CONCLUSÕES

A partir da análise desta pesquisa, evidenciou-se que, apesar de existir uma lei, ainda existem muitas barreiras enfrentadas pela população surda como a falta de comunicação dos profissionais de saúde, a ausência de um intérprete para facilitar a adesão às unidades de saúde, além de sua língua primária que é a Libras ser negligenciada.

Observou-se também uma falta de conscientização das organizações sobre essa temática, pois todos os profissionais deveriam ser capacitados para prestar um atendimento adequado, visando o bem-estar do paciente surdo. Chegamos também à conclusão de que Libras deve fazer parte do ensino, sendo incluída diariamente para que adentre no cotidiano das pessoas, não sendo imprescindível só para os profissionais que trabalham com a saúde. É necessário que haja capital para o ensino, na efetuação de matérias em português, Libras e na execução de textos nas unidades de saúde, pois tendo um maior contato com Libras certamente há uma extensão no vocabulário destes profissionais.

A pesquisa revelou ainda uma reduzida amostra dos estudos sobre o tema, mostrando com isto a relevância de novos trabalhos pertinentes ao tema para que se constate como esses conhecimentos podem ser efetuados na prática

## REFERÊNCIAS

1. Barros HCSM, Freitas DA, Wetterich, BC. A comunicação entre surdos e profissionais da saúde: uma revisão bibliográfica. In: *Educação Profissional e Tecnológica em Revista*, 4(1), 2020.
2. Brasil. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras, e o art.18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, Seção 1, 2005. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm) (Acesso em 05 fev. 2023).
3. Brasil. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Poder Executivo. Seção 1, nº79. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). (Acesso em 05 fev. 2023).
4. Bernardo LA et al. Potências e limites no cotidiano da formação acadêmica no cuidado à saúde da pessoa surda. In: *Escola Anna Nery*, 25(3), e20200341, 2021. <https://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2020-0341> (Acesso em 05 fev. 2023).

5. Costa AA, et al. Acolher e escutar o silêncio: o cuidado de enfermagem sob a ótica da mulher surda durante a gestação, parto e puerpério. *Rev Fund Care Online*, 10(1):123-129, 2018. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2017.v10i1.123-129> (Acesso em 05 fev. 2023).
6. Costa KRR, Lisbôa LP. Assistência de enfermagem ao paciente surdo na estratégia saúde da família. *Sempesq*, 2021.
7. Cunha R.P.S., Pereira MC, Oliveira MLC. Enfermagem e os cuidados com pacientes surdos no âmbito hospitalar. In: *Revisa*. 8(3), 367-77. 2019. <https://doi.org/10.36239/revisa.v8.n3.p367a377> (Acesso em 05 fev. 2023).
8. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-08/pessoas-com-deficiencia-em-2019-eram-173-milhoes> (Acesso em 05 fev. 2023).
9. Marquete VF, Costa MAR, Teston, EF. Comunicação com deficientes auditivos na ótica de profissionais de saúde. *Rev. baiana enferm.*, 32(e24055), 2018.
10. Melo CS et al. Limites e possibilidades para o cuidado em saúde à pessoa surda: perspectivas da equipe multiprofissional. In: *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 13(7), e8196, 2021. <https://doi.org/10.25248/reas.e8196.2021>.
11. Mendes KDS, Silveira RCDP, Galvão CM (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & contexto-enfermagem*, 17 (4), 758-764, 2008. 10.1590/S0104-07072008000400018 (Acesso em 05 fev. 2023).
12. Nascimento TM, et al.. Fragilidade na formação dos profissionais de saúde quanto à Língua Brasileira de Sinais: reflexo na atenção à saúde dos surdos. In: *Audiology - Communication Research* [online]. 25 (e2361), 2020. <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2020-2361> (Acesso em 05 fev. 2023).
13. Nerys F, Koepp J, Costa BEP, Baron MV. Dificuldades na consulta clínica e nutricional de surdos no Brasil: revisão de literatura. In: *Rev. Pemo, Fortaleza*, 1(1),1-15, 2019. <https://doi.org/10.47149/pemo.v1i1.3605> (Acesso em 05 fev. 2023).
14. Nepomuceno SR, et al. Assistência de enfermagem a uma paciente surda hospitalizada: relato reflexivo de uma experiência. In: *Enferm Atual In Derme*. 96(38), 2020. <https://doi.org/10.31011/reaid-2022-v.96-n.38-art.1349> (Acesso em 05 fev. 2023).
15. Pereira AAC, Passarin NP, Nishida FS, Garcez, VF. “Meu sonho é ser compreendido”: uma análise da interação médico-paciente surdo durante assistência à saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica* [online].

- 44(4):e121, 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.4-20200028> (Acesso em 05 fev. 2023).
16. Rezende RF, Guerra LB, Carvalho, SA. A perspectiva do paciente surdo acerca do atendimento à saúde. In: Rev. *CEFAC*. 23(2): e 0620, 2021. Disponível em:10.1590/1982-0216/20212320620 (Acesso em 05 fev. 2023).
17. Santos AS, Pontes AJF. Percepções de sujeitos surdos sobre a comunicação na Atenção Básica à Saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem* [online]. 27: e3127, 2019. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2612.3127> (Acesso em 05 fev. 2023)
18. Soares IP, Lima EMM, Santos ACM, Ferreira CB. Como eu falo com você? A comunicação do enfermeiro com o usuário surdo. In: *Revista Baiana de Enfermagem*, 32: e25978, 2018. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.18471/rbe.v32.25978> (Acesso em 05 fev. 2023).
19. Soleman C, Bousquat A. Políticas de saúde e concepções de surdez e de deficiência auditiva no SUS: um monólogo? *Cadernos de Saúde Pública* [online]. 37(8). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00206620> (Acesso em 05 fev. 2023).
20. Sousa, MT, Silva, MD & Carvalho, R. Revisão integrativa: O que é e como fazer? *Einstein*. 8 (1pt1): 102-6.
21. Ursi, ES. Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. Dissertação de mestrado - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.